

***UT NIHIL NON IISDEM VERBIS REDDERETUR AUDITUM*¹:
NARRATIVA E MEMÓRIA EM “FUNES, O MEMORIOSO”**

Patrícia Vieira da Silva²

RESUMO: Da leitura de "Funes, o memorioso", de Jorge Luis Borges, é possível observar ser a memória o pilar sobre o qual o texto é construído, seja através dos numerosos exemplos que comprovam o repositório de lembranças inesquecíveis que se tornara Funes, o protagonista, seja através do trabalhoso processo de rememoração do narrador para a construção de seu relato. Este artigo propõe, abordando narrativa e memória como fenômenos sociais e coletivos, uma breve análise crítica do conto, visando discutir a importância do ato de recordar para a construção da narrativa, a oposição entre as capacidades rememorativas de narrador e protagonista, o paradoxo necessário existente entre lembrança e esquecimento e o papel atribuído a Funes diante de sua condição prodigiosa. Para tanto, utiliza-se como aparato teórico, principalmente, as concepções de memória trabalhadas por Ecléa Bosi (2009), sobretudo no que tange à diferenciação entre as ideias de Henri Bergson e Maurice Halbwachs, o próprio pensamento halbwachsiano (1990), alguns conceitos de Jacques Le Goff (1990) sobre memória, além da interlocução com as observações sobre narrativa concebidas por Walter Benjamin (1987), sempre em diálogo com o texto borgiano.

Palavras-chave: Narrativa; Memória; Funes.

***UT NIHIL NON IISDEM VERBIS REDDERETUR AUDITUM:*
NARRATIVE AND MEMORY IN "FUNES, THE MEMORIOUS"**

ABSTRACT: From the reading of "Funes, the Memorious", by Jorge Luis Borges, it is possible to observe to be the memory the pillar on which the text is constructed, either by the numerous examples that prove the repository of unforgettable memories that had become Funes, the protagonist, as through the laborious narrator recall process for building his story. This paper proposes, addressing narrative and memory as social and collective phenomena, a brief critical analysis of the short story in order to discuss the importance of the act of remembering for the construction of the narrative, the opposition between the reminiscent capabilities of narrator and protagonist, the existing need paradox between remembering and forgetting and the role assigned to Funes before his prodigious condition. Therefore, it is used as a theoretical apparatus, mainly the memory concepts worked by Ecléa Bosi (2009), especially regarding the differentiation between Henri Bergson's and Maurice Halbwachs' ideas, the Halbwachsian thought itself (1990), some of Jacques Le Goff's (1990) concepts about memory, and the

¹ Tradução livre: Nada do que foi uma vez ouvido pode ser repetido com as mesmas palavras.

² É Mestre em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio Unigranrio (2015). Possui especialização lato sensu em Ciências da Linguagem com ênfase em Gramática e Linguística pela Universidade Castelo Branco UCB (2011) e licenciatura em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Fluminense UFF (2004). Pesquisa nas seguintes áreas: Linguística Aplicada; Literatura Comparada; comunicação; Estudos Culturais; Cibercultura; Gestão Pública e Universidade.

dialogue with observations on narrative conceived by Walter Benjamin (1987), always in dialogue with the Borgian text.

Keywords: narrative; memory; funes.

Introdução

No prólogo de “Artifícios”, segunda parte da reunião de escritos que compõem o livro *Ficções*, publicado em 1944, Borges refere-se a “Funes, o memorioso” como uma longa metáfora da insônia.

Mas diferentemente do romance *Cem anos de solidão*³, de Gabriel García Márquez, em que a insônia gradativamente provoca a perda da memória dos habitantes de Macondo, no conto borgiano, é o excesso de lembranças que impede que o protagonista durma. “Meu sonho é como a vigília de vocês” (BORGES, 2007, p. 105), afirma o jovem protagonista Ireneo Funes. E isso se dava por uma única razão: sua memória incontrolavelmente ativa o impedia de distrair-se do mundo através do sono.

A insônia, assim, é apenas uma das consequências da condição prodigiosa de Funes. O que se destaca na leitura do texto, na verdade, é a memória, pilar sobre o qual o conto é construído, não só pelos numerosos exemplos que comprovam o repositório de lembranças inesquecíveis que se tornara Funes, como também pela revelação do trabalhoso processo de rememoração do narrador para a construção de seu relato.

No presente artigo, propõe-se uma breve análise crítica de “Funes, o memorioso” debruçando-se exatamente sobre o tema da memória, especialmente a oposição entre as capacidades rememorativas do narrador e do protagonista, o paradoxo necessário existente entre lembrança e esquecimento, bem como o papel atribuído a Funes diante de sua nova realidade, salientando, ainda, a importância do ato de recordar para a construção da narrativa.

Para tanto, utiliza-se como aparato teórico, principalmente, (a) as concepções de memória discutidas por Ecléa Bosi (2009), sobretudo no que tange à diferenciação entre as ideias de Henri Bergson e Maurice Halbwachs; (b) o próprio pensamento halbwachsiano (1990), que não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida; (c)

³ Neste clássico da literatura mundial, García Márquez (2007) aborda a insônia como um mal de proporções epidêmicas que acomete a mítica cidade de Macondo e cuja evolução leva ao esquecimento primeiro das lembranças da infância, em seguida do nome e da noção das coisas, e, por fim, da identidade das pessoas e da consciência própria do ser.

alguns conceitos sobre memória discutidos por Jacques Le Goff (1990), para quem a memória consiste na propriedade de conservar certas informações, referindo-se a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas; e (d) as observações sobre narrativa concebidas por Walter Benjamin (1987), buscando uma reflexão sobre a memória como uma vontade de conservar e recontar o que foi narrado.

1. Recordar para narrar

“Recordo-me dele (eu não tenho o direito de pronunciar esse verbo sagrado, só um homem na Terra teve esse direito e esse homem morreu)...” (BORGES, 2007, p. 99). É justamente evocando a memória que o narrador anônimo de "Funes, o memorioso" (um argentino, como Borges) começa seu relato sobre um jovem que não vira mais de três vezes.

Apesar da evidente insegurança de quem narra quanto à sua capacidade de recordar algo já há muito acontecido, o início da narrativa – parte de um projeto que todos os que tivessem conhecido Funes foram convidados a participar – é repleto de pormenores sobre aquele de quem se pretende lembrar:

Recordo-me dele, a cara de índio taciturna e singularmente remota, através do cigarro. Recordo (creio) suas mãos afiladas de trançador. Recordo perto daquelas mãos, uma cuia de mate, com as armas da Banda Oriental; recordo na janela da casa uma esteira amarela, com uma vaga paisagem lacustre. Recordo claramente a voz dele; a voz pausada, ressentida e nasal do suburbano antigo, sem os sibilos italianos de agora. (BORGES, 2007, p. 99)

Embora permeando entre a dúvida – "Recordo (creio) suas mãos afiladas de trançador" – e a certeza – "Recordo claramente a voz dele" –, o verbo recordar é repetido várias vezes no decorrer da narrativa. Só no primeiro parágrafo são seis ocorrências.

A primeira recordação de Funes parece bastante clara ao narrador, embora lhe falte alguma precisão temporal: "Vejo-o num entardecer de março ou fevereiro do ano 84. Meu pai, naquele ano, havia me levado para veranejar em Fray Bentos" (BORGES, 2007, p. 100).

A partir daí são apresentadas algumas características do jovem, as quais havia tomado conhecimento naquele verão através do primo, Bernardo Haedo, como o fato de ser conhecido por algumas esquisitices, como não se dar com ninguém; saber sempre a hora, como um relógio;

e ser filho de uma passadeira do povoado, María Clementina Funes, com quem morava depois da chácara dos Loureiros (BORGES, 2007, p. 101).

Mas esse processo de rememoração não se desenvolve gratuitamente. O narrador recorre à lembrança de um acontecimento social que lhe fora marcante para nele encontrar o jovem Ireneo:

Voltávamos cantando, a cavalo, e essa não era a única razão da minha felicidade. Depois de um dia sufocante, uma enorme tormenta cor de ardósia encobria o céu. Insulflava-a o vento do Sul, já enlouquecendo as árvores; eu tinha medo (esperança) de que fôssemos surpreendidos pelo aguaceiro num descampado. Apostamos uma espécie de corrida com o temporal. Entramos num beco que afundava entre duas calçadas de tijolo altíssimas. Escurecera de repente; ouvi passos rápidos e quase secretos no alto; alcei os olhos e vi um rapaz que corria pela calçada estreita e arruinada como por uma parede estreita e arruinada. Recordo a bombacha, as alpargatas, recordo o cigarro no duro rosto, contra o nuvarrão já sem limites. (BORGES, 2007, p. 100)

A lembrança de Funes, portanto, talvez passasse despercebida não fosse a sequência de eventos vivenciados pelo narrador naquela tarde, culminando com a resposta peculiar de Ireneo quando seu primo lhe perguntara as horas: “Sem consultar o céu, sem se deter, o outro respondeu: ‘Faltam quatro minutos para as oito, jovem Bernardo Juan Francisco’” (BORGES, 2007, p. 100).

Isso deixa evidente que, salvo alguns momentos em que uma lembrança surge a partir de um estímulo sobre o qual não se tem qualquer domínio – um cheiro, um som, um sabor, uma sensação ou uma visão –, a que Marcel Proust denominou “memória involuntária ou inconsciente”⁴, lembrar é mesmo um processo consciente de reconstrução. Neste sentido, conforme afirma a pesquisadora Ecléa Bosi (2009, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Esse tipo de lembrança coaduna-se com o conceito de memória social apresentado pelo sociólogo Maurice Halbwachs, contrário à ideia, defendida pelo filósofo Henri Bergson, da memória conservada por inteiro e de forma independente no espírito. Contrapondo os teóricos, aponta Bosi (2009):

⁴ Segundo Proust, a memória involuntária é aquela que ocorre por acaso, que está aquém da consciência porque não depende dela para surgir e permanecer.

Dando relevo às *instituições* formadoras do sujeito, Halbwachs acaba relativizando o princípio, tão caro a Bergson, pelo qual o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia. Ao contrário, o que o sociólogo realça é a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. (BOSI, 2009, p. 54, grifo no original)

Desse modo, tem-se que a memória pura de Bergson se opõe à memória coletiva de Halbwachs. Ou seja:

A lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. Por essa via, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (BOSI, 2009, p. 55)

A concepção de memória coletiva halbwachsiana associa-se assim a uma característica comum à narrativa defendida por Walter Benjamin (1987), para quem: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Esta coadunação de experiências pode ser notada no conto quando, durante sua explanação, o narrador interrompe seu relato, afirmando: “Eu sou tão distraído que o diálogo que acabo de relatar não teria chamado minha atenção se não o tivesse repisado meu primo...” (BORGES, 2007, pp. 100/101). Neste sentido, percebe-se que a lembrança do ocorrido, e conseqüentemente sua narração, lhe ficara na memória não de forma absoluta, mas graças à interação com outros presentes no momento vivido, neste caso, o primo Bernardo.

Entendendo tal fenômeno como "memória coletiva", Halbwachs pondera que:

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. [...] Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p. 51)

Portanto, segundo o pensamento halbwachsiano, compreende-se que em "Funes, o memorioso", o narrador, ao ser impelido, no presente da narrativa, a escrever sobre o protagonista, registro de seu passado, precisa buscar em suas recordações aquelas referentes ao

compadrito de Fray Bentos. Mas estas memórias, apesar de percebidas como fruto de um evento intensamente pessoal e íntimo, são simultaneamente individuais e coletivas.

Mais adiante no texto, quando relata seu reencontro com Funes, ocorrido três anos depois, seguramente o momento mais importante da história, o narrador admite a dificuldade em retomar os pormenores do ocorrido.

Embora tenha sido capaz de se lembrar ter perguntado por todos os conhecidos em Fray Bentos, inclusive pelo “cronométrico Funes” (BORGES, 2007, p. 101), de precisar terem-lhe dito que o jovem havia sido derrubado de um cavalo redomão na estância de São Francisco e até mesmo de recordar a sensação que teve ao tomar conhecimento de que Funes ficara paralítico (BORGES, 2007, p. 101), ao revê-lo, e pela primeira vez engajar uma conversa com ele, a memória parece não tão nítida.

2. O esquecimento e a (re)construção da memória

O reencontro entre Funes e o narrador acontece depois que o primeiro fica sabendo dos livros em latim que o narrador trouxera na viagem e lhe escreve uma carta "florida e cerimoniosa, em que recordava nosso encontro, infelizmente fugaz, 'do dia 7 de fevereiro do ano de 84'" (BORGES, 2007, p. 101), solicitando o empréstimo de um dos volumes e um dicionário. O narrador envia-lhe duas obras, mas, algum tempo depois, ao precisar retornar às pressas a Buenos Aires devido a problemas de saúde de seu pai, nota a falta dos livros, o que faz com que vá até a casa de Funes a fim de recuperá-los.

Embora, uma vez mais, apresente aguçada memória visual, rememorando o trajeto até o cômodo dos fundos onde estava Funes, como o pátio de lajotas, o corredorzinho que levava a um segundo pátio, uma parreira, a escuridão da noite (BORGES, 2007, p. 103), o narrador agora dá uma pausa na narrativa para advertir ao leitor o longo tempo transcorrido desde o ocorrido:

Chego, agora, ao ponto mais difícil de meu relato. Este (é bom que o leitor já o saiba) não tem outro argumento além desse diálogo de há meio século. Não vou tratar de reproduzir as palavras dele, irrecuperáveis agora. Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que Irene me disse. (BORGES, 2007, pp. 103/104)

Nesse momento, resta claro que o fato de reconhecer a incapacidade de reproduzir o vivido em sua totalidade e optar por resumir o evento passado evidencia o processo de seleção

e edição das lembranças do narrador, e, conseqüentemente, daquilo que vai e do que não vai ser exposto ao leitor.

Enfim, o que se nota no discurso do narrador é que seu processo de rememoração não se dá ao acaso, nem é fruto de sua pura subjetividade; o ato de rememorar desponta de um ato social (ter de escrever sobre alguém) ligado ao presente. Logo, conforme assinala Bosi, citando Halbwachs: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: ‘O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam’ (introdução, viii).” (BOSI, 2009, p. 54)

Compartilha também desse pensamento o historiador Jacques Le Goff, que, ao trabalhar memória em sua relação com a história, aponta:

Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. (LE GOFF, 1990, p. 51)

Também no momento de seu empreendimento de escrever sobre Funes, cabe ao narrador, e somente a ele, moldar por meio de palavras e lembranças o que será mantido para a posteridade. O processo de narrar, portanto, pode ser entendido como forma de manter a memória viva, de registrá-la na história.

Neste sentido, Le Goff cita Pierre Janet, para quem:

[O] ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. (LE GOFF, 1990, pp. 424/425, grifo no original)

Dessa forma, como bem aponta Benjamin: “Ela [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Mas embora no conto a memória do narrador possua grande importância social e histórica, ajudando a tornar disponível para a posteridade a fantástica história de Ireneo Funes, a extraordinária habilidade do jovem de rememorar tudo, longe de ser tomada como um poder especial, parece ser entendida pelo narrador como um enorme castigo, já que em seu mundo entulhado de lembranças “não havia senão detalhes, quase imediatos” (BORGES, 2007, p. 108), deixando evidente a apatia e a tristeza do protagonista diante de sua condição.

Analisando a situação de Funes, descreve o narrador:

Relata Swift que o imperador de Lilliput podia discernir o movimento do ponteiro de minutos; Funes discernia continuamente os tranquilos avanços da corrupção, das cáries, do cansaço. Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso. A Babilônia, Londres e Nova York pesaram com feroz esplendor sobre a imaginação dos homens; ninguém, em suas torres populosas ou em suas urgentes avenidas, sentiu o calor e a pressão de uma realidade tão inexaurível como a que noite e dia convergia sobre o infeliz Ireneo, em seu pobre arrabalde sul-americano. Para ele, dormir era muito difícil. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas no catre, na sombra, ficava imaginando cada greta e cada moldura das casas certas que o rodiam. (BORGES, 2007, pp. 107/108)

Ao contrário de Ireneo, a esmagadora maioria dos homens, salvo raras exceções⁵, não possui a capacidade de armazenar todas as lembranças, e nem o deveria. Se não se perdesse nada no caminho entre o passado e o presente, o indivíduo estaria submerso em um mar de repetições, e não haveria discernimento para julgar a relevância do que deveria ser conservado.

Neste diapasão, Ivan Izquierdo *et al.*, pioneiro no estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado no Brasil, ressalta:

De fato, é necessário esquecer, ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias. [...] Em razão do problema da saturação, existem memórias que nos impedem de adquirir outras novas ou adquirir outras antigas, mais importantes [...]. (IZQUIERDO *et al.*, 2006, p. 290)

Mas no caso do protagonista, como este possuía uma percepção aguçada de tudo e imediatamente a relacionava com alguma de suas infinitas lembranças, a saturação não lhe era um problema; impossível, entretanto, era ligar-se emocionalmente ao que recordava. Sua mente não passava de um recipiente de dados, imagens e acontecimentos sem qualquer filtro de importância, utilidade ou emoção.

A tradução livre da última frase do primeiro parágrafo do capítulo XXIV do livro sétimo de *Naturalis historia*, desferida em latim por Funes quando do seu último encontro com o narrador, “Nada do que foi uma vez ouvido pode ser repetido com as mesmas palavras”,

⁵ Conforme matéria publicada na revista *Superinteressante*, um caso real de rara supermemória é o da americana Jill Price. Diagnosticada pela equipe de cientistas encabeçada por James McGaugh, da Universidade da Califórnia, com Síndrome Hipertiméstica (do grego “lembrar”), Price, lembra desde notícias até fatos corriqueiros ocorridos diariamente desde 1980. Cf. <<http://super.abril.com.br/comportamento/a-mulher-que-nao-consegue-esquecer/>>.

resume perfeitamente o processamento da memória humana: ao se tornar passado, aquilo que foi vivido (ouvido) será reinventado com outras palavras.

No processo de reconstrução da memória, a manifestação do pensamento implica, necessariamente, selecionar, priorizar e excluir algumas lembranças em detrimento de outras, ou seja, esquecer. Neste diapasão, como bem assevera Izquierdo, “o esquecimento é ‘a outra cara’ da memória, ou o aspecto mais saliente da memória: é muito mais o que esquecemos que o que recordamos” (IZQUIERDO, 1989, p. 103).

Em contraposição a Funes, o narrador sim, como abordado anteriormente, é capaz de esquecer, e, com isso, pensar. Em seu empenho de rememorar Funes com o propósito de contar sua história e ciente da impossibilidade de relatar a completude do ocorrido, ele se vale da recordação de terceiros, questiona sua capacidade de lembrar, abstrai, esquece; enfim, edita suas memórias adaptando-as ao objetivo da narrativa.

Como afirma o próprio narrador, “pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair” (BORGES, 2007, p. 108), e no vertiginoso mundo vivido pelo protagonista não era possível pensar, pois não havia a alternativa de esquecer. Incapaz de pensar, que tipo de ser humano se tornara então Funes?

3. O memorioso Funes: precursor dos super-homens ou eterno prisioneiro?

Foi como um precursor dos super-homens⁶ que, segundo conta o narrador, um dos participantes do projeto de escrever sobre Funes o descreveu:

Pedro Leandro Ipuche escreveu que Funes era um precursor dos super-homens, “um Zaratustra⁷ xucro e vernáculo”; não o discuto, mas é preciso não esquecer que era também um compadrito de Fray Bentos, com certas incuráveis limitações. (BORGES, 2007, p. 100)

Apesar do sarcasmo de Ipuche expresso pela escolha de palavras antagônicas para a descrição de Funes como simultaneamente xucro e vernáculo, ainda assim o fato de tê-lo caracterizado como um antecessor do homem superior atribuía-lhe uma condição especial.

⁶ Segundo o conceito nietzschiano de *übermensch*, o homem seria capaz de se tornar um super-homem, ou um super-humano, através da transvaloração de todos os valores do indivíduo; da vontade de potência (expressa pela superação do niilismo e pela reavaliação de velhos ideais ou sua substituição por novos); e de um processo contínuo de superação.

⁷ Nietzsche descreve o super-homem, bem como os passos para sua existência, na obra *Assim falou Zaratustra*, escrita entre 1883 e 1885.

Mas poderia o fato de possuir uma indefectível capacidade de recordar ser suficiente para elevar o jovem a uma categoria transcendente de homem? Talvez o próprio Funes assim se considerasse, já que, conforme lembra o narrador:

Disse-me que antes daquela tarde chuvosa em que o azulego o derrubou, ele havia sido o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um aturdido, um desmemoriado. [...] Dezenove anos tinha vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e assim também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois constatou que estava paralisado. O fato quase não o interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis. (BORGES, 2007, p. 104)

Entretanto, perceber e reter tudo o que via ou que já havia visto, ainda que apenas uma única vez, com uma riqueza de detalhes absurda; “ser capaz de reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos”; “enumerar, em latim e espanhol, os casos de memória prodigiosa registrados pela *Naturalis historia*”; ser capaz de recordar não apenas de “cada folha de cada árvore de cada morro, mas ainda de cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado” (BORGES, 2007, pp. 106/107), tudo isso tornava Funes refém de suas próprias habilidades.

Inevitavelmente, o próprio protagonista compreendeu o prisioneiro que havia se tornado e, não podendo mais simular sua condição, confessou ao narrador, naquela conversa que já perdurava até por volta do amanhecer: “*Minha memória, senhor, é como um monte de lixo.*” (BORGES, 2007, p. 105, grifo do autor). Um “monte de lixo”, a isso pode ser reduzida uma memória cujo propósito se resume a conservar uma quantidade incontável de detalhes inúteis.

A própria circunstância de ter ficado inválido pode ser entendida como uma metáfora borgiana para a prisão em que a mente de Funes se encontrava. Conforme constata o narrador: “Duas vezes o vi atrás da grade, que toscamente repisava sua condição de eterno prisioneiro: uma, imóvel, com os olhos fechados; a outra, imóvel também, absorto na contemplação de um cheiroso galho de santonina” (BORGES, 2007, p. 101).

Depois do acidente, Funes já não era mais apenas o rapaz “conhecido por algumas esquisitices como a de não se dar com ninguém e a de saber sempre a hora, como um relógio” (BORGES, 2007, p. 101). O “cronométrico” Funes dera lugar ao memorioso Funes, incapaz de esquecer. Mas ser capaz de reconstruir um dia inteiro custava-lhe um outro dia completo; estava

cativo a um acúmulo sem fim de pormenores. Por ter de lembrar indefinidamente das coisas, “[p]ara ele, dormir era muito difícil” (BORGES, 2007, p. 108).

Percebe-se assim que Funes, dominado por sua “super-memória”, não se tornou através dela o predecessor do *homo superior* idealizado por Nietzsche. Em seu “pobre arrabalde sul-americano”, pouco ou nada lhes serviam os conhecimentos de inglês, francês, português e latim; tampouco transformaram sua vida ou a dos demais seus projetos de um vocabulário infinito para a série natural dos números e um catálogo mental de todas as imagens da lembrança. Paralisado, no escuro, “quase incapaz de ideias gerais, platônicas⁸” (BORGES, 2007, p. 107), ao “solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso” (BORGES, 2007, p. 107) só restou uma morte prematura, aos 21 anos, vítima de uma congestão pulmonar, a única forma de libertá-lo da prisão de sua própria memória.

4. Considerações finais

Como bem assinala Ítalo Calvino:

Borges é um mestre do escrever breve. Ele consegue condensar em textos sempre de pouquíssimas páginas uma riqueza extraordinária de sugestões poéticas e de pensamento: fatos narrados ou sugeridos, aberturas vertiginosas para o infinito, e ideias, ideias, ideias. (CALVINO, 2007, p. 248)

Em “Funes, o memorioso”, um dos textos literários mais ricos no que tange à temática da memória (e, sem dúvida, um dos mais mencionados), Borges, através de um texto conciso – uma característica do autor, como ressalta Calvino –, ultrapassa os limites do realismo fantástico que caracteriza sua obra para, marcando bem a oposição entre a memória humana, fragmentada e falha do narrador e a memória prodigiosa e sobrenatural do protagonista, levar o leitor à reflexão sobre a essencialidade das recordações para a construção da identidade humana, ao mesmo tempo em que sugere que as lembranças não podem (e não devem) constituir um estoque sem fim do todo vivenciado.

⁸ Segundo Platão, em sua Teoria das Ideias ou Teoria das Formas, as ideias gerais pertencem ao Mundo das Ideias (mundo inteligível), no qual a mente guarda uma idealização genérica de todas as coisas, algo como um modelo-padrão, o que faltava a Funes, capaz somente de perceber ideias específicas: “Não só lhe custava compreender que o símbolo genérico *cachorro* abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma [...]” (BORGES, 2007, p. 107, grifo do autor).

Não por acaso José Luis Rodríguez Zapatero afirma, no prólogo da edição madrilenha de *Ficciones*:

*Con seguridad el título, que nos sugiere la idea de mundos imaginados y puramente ilusorios, es sólo una sutil ironía del autor, una más, que nos señala lo terrible y maravillosamente real de sus argumentos.*⁹ (BORGES, 2001, Prólogo)

A breve análise aqui apresentada, construída a partir da leitura de memória e narrativa como fenômenos sociais e coletivos, visou demonstrar, a partir do texto borgiano, que a memória, naturalmente seletiva, requer a atualização do objeto lembrado diante de um grupo e de um tempo para sua perpetuação para a posteridade através da narrativa; e que, por fim, memória sem interrogação, discussão e recriação não é memória, é arquivamento.

Brilhantemente escrito e sempre contemporâneo, “Funes, o memorioso” é capaz de produzir uma infinidade de discussões sobre memória a partir de teóricos que escrevem sobre o assunto sob os mais variados pontos de vista, alguns deles abordados neste artigo. Outrossim, este *paper* não se esgota em si mesmo; longe disso, deve ser entendido como uma contribuição (mais uma) ao debate sobre um texto tão amplamente investigado no campo dos estudos literários e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Coleção Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Prólogo de José Luis Rodríguez Zapatero. Madrid: El mundo, 2001.

_____. *Ficções* (1944). Tradução de Davi Arrigucci Jr. Coleção Biblioteca Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁹ Tradução livre: “Seguramente o título, que nos sugere a ideia de mundos imaginados e puramente ilusórios, é só uma sutil ironia do autor, mais uma, que nos aponta o terrível e maravilhosamente real de seus argumentos.”

BURGOS, Pedro. A mulher que não consegue esquecer. *Época*, São Paulo, jul. 2008 (atual. out. 2016). Disponível em <<http://super.abril.com.br/comportamento/a-mulher-que-nao-consegue-esquecer/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2016.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. 38. ed. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

IRWIN, Terence. *Classical Philosophy 4: Plato's Metaphysics and Epistemology*. New York/London: Oxford University Press. p. 173-302.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Avançados*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 3, n. 6, pp. 89-112, maio/ago. 1989.

IZQUIERDO, Ivan; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. *Estudos Avançados*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 20, n. 58, pp. 289-296, set./dez. 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. 4. ed. Tradução de Alex Marins. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 1999.

PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Recebido em: 05/03/2017

Aceito em: 21/03/2017